

# Bomba assassina Ruth First

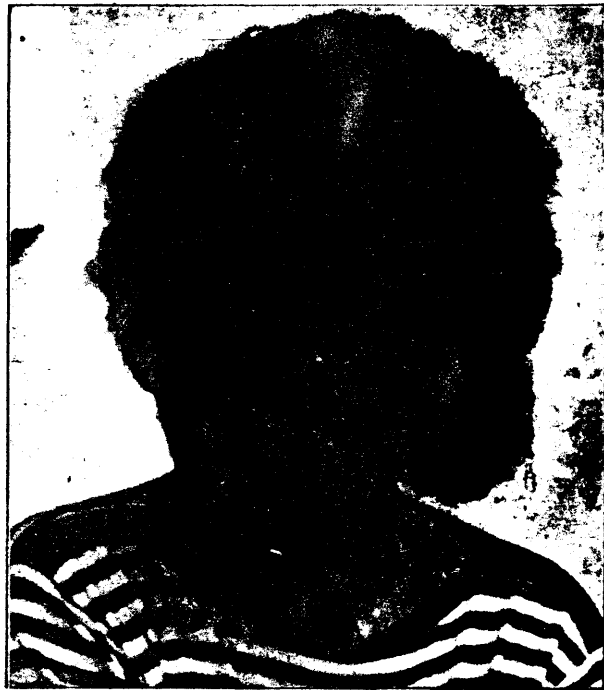
● Mensagens de repúdio a mais um crime do Apartheid

A professora Ruth First, proeminente intelectual do Movimento de Libertação da África do Sul, faleceu no passado dia 17, em Maputo, vítima de um atentado.

Ruth First faleceu cerca das 16.30 horas, na sequência de uma violenta explosão quando abriu um envelope, no seu escritório no Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade «Eduardo Mondlane», na capital do País, segundo informou a «AIM».

O professor moçambicano Aquino de Bragança, director do CEA, a Dra. Brigett O'Laughlin, de nacionalidade norte-americana e professora do CEA, e Pallo Jordan, investigador social sul-africano, que se encontravam junto a Ruth First, ficaram feridos em consequência da explosão.

Entretanto, na tarde de quarta-feira, começaram a chegar ao nosso País as primeiras mensagens de repúdio pelo bárbaro atentado, entre as quais a do Presidente da República portuguesa, General Ramalho Eanes, dirigida ao Presidente Samora Machel, e a dos Grupos Anti-Apartheid e Movimentos de Solidariedade da Holanda.



Ruth First

Um outro professor do CEA, Mark Wuyts, que se encontrava perto do escritório, não ficou ferido mas entrou em estado de choque.

As autoridades moçambicanas iniciaram imediatamente as investigações no local da explosão, que provocou avultados danos materiais.

Ainda segundo a «AIM» uma fonte da Segurança moçambicana comentou o atentado que vitimou Ruth First, dizendo: «O atentado tem características idênticas a ou-

tros atentados, ultimamente cometidos na região e que se apurou serem da autoria dos serviços secretos sul-africanos». Recorde-se que o atentado contra Ruth First, classificada pela rádio RSA como «activa militante comunista contra o regime sul-africano» seguiu-se a vários assassinatos de membros do ANC, no Zimbabwe, Lesotho, Suazilândia, Zâmbia e Inglaterra.

Entretanto a «AIM» apurou que o envelope que continha o explosivo chegou ao Centro de Estudos

Africanos na semana passada. Uma fonte do CEA comentou a-proósito que este facto revela que a intenção dos assassinos era fazer coincidir o atentado com a Conferência de Ciências Sociais na semana passada na Universidade «Eduardo Mondlane» e patrocinada pela UNESCO. Participaram na Conferência conhecidos cientistas sociais dos nove países membros da SADCC, assim como convidados de África, da Europa e dos Estados Unidos da América, entre os quais

vários professores sul-africanos exilados.

## LUTADORA CONTRA O APARTHEID

Ruth First nasceu na África do Sul, sendo seus pais membros fundadores do Partido Comunista Sul-Africano. A mãe, Tillie First, ainda é viva e reside em Londres. Casada com Joe Slovo, outro conhecido investigador e destacado membro do Partido Comunista da África do Sul e do ANC, tinha três filhos, actualmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Estudou na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, na mesma época em que por lá passou aquele que mais tarde se tornaria no primeiro Presidente da FRELIMO: Eduardo Chivambo Mondlane. Militou nos seus tempos de estudante na Juventude Comunista do PC até ao banimento deste regime racista de Pretória, em 1950.

Doutora em Sociologia, no início da sua vida laboral começaria, no entanto, por dedicar-se ao jornalismo e seria como jornalista que o nome de Ruth First começaria por ganhar notoriedade internacional, devido às revelações que fez no *Jornal «Guardian»*, denunciando o «apartheid». Este jornal viria a ser encerrado em 1962, pelo apoio que dava à luta do ANC.

Banida pelo regime racista, presa e julgada pelos tribunais racistas e por diversas vezes na clandestinidade, Ruth First residia desde 1978 em Maputo, exercendo as funções de Directora de Investigação do CEA. Era um dos Vice-Presidentes do Tribunal Internacional dos Povos.

## REPÚDIO INTERNACIONAL

O Primeiro Chefe de Estado a manifestar-se sobre o atentado que vitimou Ruth First, foi o Presidente de Portugal, General Ramalho Eanes, que na sua mensagem dirigida ao Presidente Samora Machel afirma: «Informado sobre o atentado contra o Centro de Estudos Africanos do Maputo, manifesto o meu pesar e solidariedade a Vossa Excelência, e repudio vigorosamente a utilização de semelhantes métodos».

Por sua vez, os Grupos Anti-

-Apartheid e Movimentos de Solidariedade da Holanda condenaram «nos termos mais severos o assassinato brutal» da professora Ruth First.

Numa declaração emitida quarta-feira na Holanda, sete grupos Anti-Apartheid e Movimentos de Solidariedade holandeses acusam o regime do Apartheid na África do Sul de recorrer a «métodos crescentemente desesperados e cobardes para silenciar os seus opositores».

## ÚLTIMO DE UMA SÉRIE DE ASSASSINATOS

O assassinato de Ruth First foi o último de uma série de ataques perpetrados pelo regime do Apartheid, contra os seus oponentes que vivem fora da África do Sul. Há cerca de uma década que agentes sul-africanos têm perseguido membros e líderes do ANC no interior e no exterior do País.

Em Agosto de 1981, o Comité Executivo Nacional do ANC denunciou «a estratégia do regime criminoso do «apartheid» para destruir politicamente o ANC», eliminando fisicamente os seus militantes e líderes, dentro e fora» da África do Sul.

Por sua vez, o representante do ANC na Suazilândia, falou do «clima de terror resultante dos «raids» efectuados pela África do Sul fora das suas fronteiras, incluindo em-

boscadas nocturnas, explosões misteriosas, assassinatos e raptos de refugiados».

A cronologia dos assassinatos ou atentados contra membros do ANC desde 1974 é a seguinte:

**1 de Fevereiro de 1974:** Abraham Tiro, antigo secretário permanente da Associação dos Estudantes Sul-Africanos (SASO), foi assassinado por uma explosão de encomenda-bomba no seu apartamento localizado nos subúrbios de Gaberone, Botswana.

**12 de Fevereiro de 1974:** John Dube, vice-representante do ANC em Lusaka, Zâmbia, teve morte instantânea quando uma armadilha explosiva lhe foi endereçada, a qual aparentava ser um livro. Três outras pessoas ficaram feridas.

**23 de Janeiro de 1978:** Ablom Duma, membro da direcção do ANC, ficou gravemente ferido por uma explosão num posto de correios em Manzini, Suazilândia. Seu braço direito foi inutilizado. Esta era a segunda tentativa para matar Ablom Duma. Em 1977 enviaram-lhe uma encomenda que despertou suspeitas: a polícia acabou por descobrir que ela continha explosivos.

**23 de Fevereiro de 1978:** John Majola e Willie Nyoni, dois membros do ANC, entraram numa emboscada quando conduziam um camião na Suazilândia, perto da fronteira com Moçambique. De acordo com Majola, oito brancos abriram fogo sobre a viatura. Ma-



Estado em que ficou o escritório de Ruth First, no Centro de Estudos Africanos, após a explosão



A violência da explosão que matou Ruth First, quebrou vidros do escritório e arancou uma armação de ferro no exterior do edifício

jola conseguiu escapar mas Nyoni nunca voltou a ser visto, e presume-se que tenha sido raptado ou assassinado.

**6 de Julho de 1979:** uma encomenda armadilhada enviada à residência de Phllis Naidoo no exílio em Maseru, Lesotho, explodiu e decepou a mão direita do pai de John Osmer, um prelado anglicano de nacionalidade neozelandeza. Naidoo e três outros refugiados sul-africanos ficaram feridos na explosão.

**4 de Junho de 1980:** Duas casas ocupadas por refugiados em Manzini, Suazilândia, foram demolidas por uma explosão. O membro do ANC, Patrick Makau foi assassinado, assim como uma criança suázi de sete anos. Cinco outras pessoas ficaram feridas, uma das quais, gravemente.

**11 de Junho de 1980:** Uma bomba foi colocada no carro do membro do ANC Thembi Hani. O carro ficou destruído, e a residência de Hani sofreu grandes danos na explosão. Um dirigente de um pequeno grupo da oposição, o Partido Democrático Unido, foi acusado do crime. No tribunal ele confessou que tinha sido enviado pela po-

lícia de segurança da África do Sul com ordens para assassinar Hani.

**30 de Janeiro de 1981:** Um comando sul-africano atacou três casas na Matola, Moçambique, e assassinou 12 membros do ANC: — William Khanyile, Motso Mokgabudi, Mduduzi Guma, Krishna Rabillal, Sizinzo Sikweyiya, Beki Magubane, Thabani Burulani, Lancelot Hadede, Daniel Molebatsi, Stephen Ngcobo, Nelson Manakaza e Nelson Ndunamvula. Uma criança de 13 anos de idade veio a falecer mais tarde no hospital. Três outros membros do ANC foram raptados pelos atacantes.

**31 de Julho de 1981:** Joe Gqabi, chefe da representação do ANC no Zimbabwe, foi assassinado a tiro quando conduzia a sua viatura em Harare. Próximo do local do crime foram encontradas munições para uma arma de nove milímetros. Tinha havido, inicialmente, um atentado à vida de Joe Gqabi em 22 de Fevereiro de 1981: foram descobertos na sua viatura um explosivo de sete quilogramas.

**14 de Março de 1982:** O escritório do ANC em Londres foi destruído por uma explosão de bomba que tornou os edifícios vizinhos, igualmente inabitáveis. Normalmente um membro do ANC devia-se encontrar a trabalhar na altura: mas felizmente ninguém lá estava no momento da explosão.

**15 de Junho de 1982:** O vice-representante do ANC na Suazilândia, Petrus Nzima e sua esposa Jabu, foram assassinados quando explodiu uma viatura armadilhada em Manzini. A bomba foi, aparentemente accionada pela chave de ignição.

**17 de Agosto de 1982:** Líder académico sul-africano e membro do ANC, Ruth First, é assassinada por uma carta-bomba no seu gabinete do Centro de Estudos Africanos da Universidade «Eduardo Mondlane», em Maputo. □

## FERIDOS RECUPERAM

Os três feridos no atentado bombista que vitimou Ruth First encontravam-se, na passada quarta-feira, a recuperar das lesões sofridas, segundo informação do corpo médico do Hospital Central de Maputo.

O Professor Aquino de Bragança, director do CEA, a Professora Brigett O'Laughlin e Pallo Jordan, sofreram lesões no rosto e continuavam a receber tratamento e assistência médica, segundo informava o jornal «Notícias», na sua edição de quinta-feira.

Entretanto, o Professor Aquino de Bragança classificou de «acto de terrorismo» o atentado que vitimou Ruth First, declarando à «AIM» que «não é com o terrorismo que o Governo sul-africano vai acabar com a oposição ao apartheid».

Aquino de Bragança afirmou ainda que os «intelectuais desta zona devem preocupar-se com o que aconteceu a Ruth First» e que «tem de haver um extenso debate entre nós. Temos que discutir como sair desta situação. Temos de encontrar uma maneira de acabarmos com estes crimes».

Entre as declarações de repúdio ao atentado, de referir a feita pela Organização da Unidade Africana (OUA). Num comunicado emitido em Adis-Abeba, o atentado que vitimou Ruth First é qualificado como «um acto criminoso e covarde».

Membros do Bureau Político do Partido Frelimo e do Governo da RPM deslocaram-se ao Hospital Central de Maputo onde visitaram os três feridos internados.